



Estudos em Escrita Criativa

Patricia Gonçalves Tenório¹

Dezembro, 2021

Vou para Porto Alegre

<https://www.youtube.com/watch?v=VX60ai0h5II>²

Chegamos ao fim do nosso curso Os mundos de dentro. Chegamos na Porto Alegre em que conheci a Escrita Criativa em 2006.

Não apenas concluímos os doze módulos do curso on-line de 2021. Além dos oito módulos de 2020, finalizamos o curso Estudos em Escrita Criativa que existe desde 2016, iniciado com (e incentivado pelas) nossas Bernadete Bruto e Elba Lins, após uma dança circular no parque da Jaqueira, Recife, Pernambuco.

Tudo na vida faz parte de um ciclo. Hoje, 6 de junho de 2021, há quase cinco anos daquele passeio ao parque da Jaqueira, escrevo, em um único dia, as aulas do último módulo do curso, sobre o escritor, poeta, jornalista, tradutor, nascido em Alegrete, Rio Grande do Sul, Mario Quintana.

E escrevo com um sonho. Diante da pandemia de Covid-19, que consumiu tantas vidas, dizimou inúmeros artistas (corpos, almas e mercado de trabalho), sonho realizar, em 15 de dezembro de 2021, a *live* referente ao módulo 12 na residência em Porto Alegre da poetisa, escritora, atriz, diretora de teatro, mestre e doutoranda pela PUCRS Gisela Rodriguez.

¹ Escritora, vinte livros publicados, sendo um no formato de vídeo podcast, mestre em Teoria da Literatura (UFPE) e doutora em Escrita Criativa (PUCRS). Contatos: grupodeestudos.escritacriativa@gmail.com e <https://www.youtube.com/estudosemescritacriativa>

² Deu pra ti, em *Kleiton & Kledir*, 1981, de Kleiton Alves Ramil e Kledir Alves Ramil.

Como “um sonho é o único direito que não se pode proibir” (Glauber Rocha), inicio a escrita do último módulo do curso que investigou os mundos de dentro de escritoras e escritores brasileiros, que tanto nos ensinaram, para termos condições – se a pandemia permitir – de sair para os mundos de fora.

E ninguém melhor do que Mario Quintana para nos ajudar nessa viagem.

Da tranquilidade da alma

Descobri Mario Quintana na primeira vez que fui a Porto Alegre, na primeira viagem que fiz em busca da Escrita Criativa e de suas fontes no país. Na primeira vez que me encontrei com Luiz Antonio de Assis Brasil.

Eu cursara durante dois anos a oficina de Raimundo Carrero, pousava em Porto Alegre por um mês para assistir como ouvinte à oficina de Assis Brasil, e me preparava para ir à França, me submeter a uma oficina na Sorbonne, na Université de Paris IV. Iniciava meu percurso literário e havia publicado um livro e meio – *As joaninhas não mentem*, em 2006, e a tentativa de lançamento (que foi proibido) de *O major – eterno é o espírito*, em 2005.

Existe um verso de Mario Quintana que explicita muito bem a proximidade de pensamento, vida e poesia que sinto pelo escritor gaúcho.

– Eles passarão, eu passarinho.³

É essa tranquilidade da alma que Mario nos transmite, quer seja nos versos, quer seja na própria vida, e que nos ajuda (e ajudará) a encerrarmos o ciclo deste curso, deste livro que lançamos na última *live* do ano.⁴

Escrevo diante da janela aberta.

³ QUINTANA, Mario. Poeminho do Contra. In *Caderno H*. In *Mario Quintana: Poesia Completa*. São Paulo, SP: Editora Nova Aguilar, p. 257.

⁴ Se a pandemia permitir, estaremos, em 15 de dezembro de 2021, lançando *Estudos em Escrita Criativa*, organização Patricia Gonçalves Tenório, com Adriano Portela, Altair Martins, Bernadete Bruto, Elba Lins, Gisela Rodriguez et al., Recife: Raio de Sol, 2021, com textos dos escritores convidados e o material de apoio do curso Os mundos de dentro, na residência de Gisela Rodriguez, em Porto Alegre.

Minha caneta é cor das venezianas:
Verde!... E que leves, lindas filigranas
Desenha o sol na página deserta!

Não sei que paisagista dodivanas
Mistura os tons... acerta... desacerta...
Sempre em busca de nova descoberta,
Vai colorindo as horas cotidianas...⁵

A organizadora do livro que li em 2006 e que releio quinze anos depois, a ex-professora titular de Teoria Literária da UFRGS, mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela UFRGS, doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP e com pós-doutorado na Université de Paris IV (sim, a mesma Sorbonne que, ousadamente, frequentei em 2006), Tania Carvalhal, nos aponta para a temática do livro que temos em nossas mãos, e que é a mesma temática do nosso curso: a rua/casa do poeta.

Vê-se de pronto que o seu título remete aos poemas que tratam da *sua* rua, aquela que ele espreita da janela aberta, a *ruazinha*, que o poeta acalanta e descreve de dia e de noite, lugar onde se desenrola a vida, tal como se lê nos primeiros sonetos. É a rua dos pregões, dos ruídos, da multidão e também do sossego, dos telhados altos onde giram *cataventos*, dos bondes e dos lampiões.⁶

Veremos mais adiante, em depoimento a Edla van Stein, o quanto Quintana valorizava a obra acima da própria vida, o interior acima do exterior, o quanto o isolamento do poeta nas quatro paredes da casa-hotel-rua remete ao mergulho para dentro de si tão necessário a todo ser que busca na leitura e na escrita uma forma de salvação.

Eu nada entendo da questão social.

Eu faço parte dela, simplesmente...

⁵ QUINTANA, Mario. Escrevo diante da janela aberta. In *A rua dos cataventos*. Organização, plano de edição, fixação de texto, cronologia e bibliografia: Tania Franco Carvalhal, 2ª ed. São Paulo, SP: Globo, 2005, p. 19 – (Coleção Mario Quintana).

⁶ CARVALHAL, Tania Franco. Leitura dos sonetos inaugurais. In QUINTANA, Mario. Op. cit., 2005, p. 8, itálico da edição.

E sei apenas do meu próprio mal,
Que não é bem o mal de toda a gente,

Nem é deste Planeta... Por sinal
Que o mundo se lhe mostra indiferente!
E o meu Anjo da Guarda, ele somente,
É quem lê os meus versos afinal...⁷

O fato de Quintana ter sido um menino doente, o isolamento obrigatório por causa da saúde o fez aproveitar cada mínimo instante do convívio social, do mundo exterior, sorvendo da vida cada mínimo, despercebido detalhe – assim como nós faremos, ao sairmos para o mundo, ainda com as devidas precauções, ao sermos vacinados.

Na minha rua há um menininho doente.
Enquanto os outros partem para a escola,
Junto à janela, sonhadoramente,
Ele ouve o sapateiro bater sola.
[...]
Mas nesta rua há um operário triste:
[...]
Ele trabalha silenciosamente...
E está compondo este soneto agora,
Pra alminha boa do menino doente...⁸

Além de Quintana se autorrepresentar em seus versos (ele só sabe do próprio mal, que não é bem o mal de toda a gente), além de nos causar a impressão da escrita no mesmo instante em que lemos as palavras impressas no livro organizado para o centenário de nascimento do poeta pela professora Tania Carvalhal, o eterno menino de Alegrete dialoga com outros poetas/escritores do mundo inteiro, e que também são nossos/meus.

⁷ QUINTANA, Mario. Eu nada entendo... In Op. cit., 2005, p. 23.

⁸ QUINTANA, Mario. Na minha rua... In Op. cit., 2005, p. 24, colchetes nossos.

Vejamos apenas três:

Mario Quintana & Alberto Caeiro:

O Menino dormira... Mas o canto
Natural como as águas prosseguiu...
E ia purificando como um rio
Meu coração que enegrecera tanto...

E era a voz que eu ouvi em pequenino...
E era Maria, junto à correnteza,
Lavando as roupas de Jesus Menino...⁹

Um dia que Deus estava a dormir
E o Espírito Santo andava a voar,
Ele foi à caixa dos milagres e roubou três.
Com o primeiro fez que ninguém soubesse que ele tinha fugido.
Com o segundo criou-se eternamente humano e menino.
Com o terceiro criou um Cristo eternamente na cruz
E deixou-o pregado na cruz que há no céu
E serve de modelo às outras.
Depois fugiu para o sol
E desceu pelo primeiro raio que apanhou.¹⁰

Mario Quintana & Carlos Pena Filho:

Pus meus sapatos na janela alta,
Sobre o rebordo... Céu é que lhes falta
Pra suportarem a existência rude!

⁹ QUINTANA, Mario. Tudo tão vago... In Op. cit., 2005, p. 30.

¹⁰ PESSOA, Fernando. O guardador de rebanhos. In *Poesia completa de Alberto Caeiro*. Edição: Fernando Cabral Martins, Richard Zenith. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2005, p. 29.

E eles sonham, imóveis, deslumbrados,
Que são dois velhos barcos, encalhados
Sobre a margem tranquila de um açude...¹¹

Então, pinte de azul os meus sapatos
por não poder de azul pintar as ruas,
depois, vesti meus gestos insensatos
e colori as minhas mãos e as tuas.

[...]

E perdidos de azul nos contemplamos
e vimos que entre nós nascia um sul
vertiginosamente azul. Azul.¹²

Mario Quintana & Hermann Hesse:

Quando eu morrer e no frescor de lua
Da casa nova me quedar a sós,
Deixai-me em paz na minha quieta rua...
Nada mais quero com nenhum de vós!

Quero é ficar com alguns poemas tortos
Que andei tentando endireitar em vão...
Que lindo a Eternidade, amigos mortos,
Para as torturas lentas da Expressão!...¹³

– É para mim uma alegria, meu caro Harry, poder tê-lo um instante como hóspede. Você tem andado frequentemente desgostoso da vida e com ânsias de deixá-la, não é verdade? Tem ansiado abandonar este tempo, este mundo, esta realidade, e entrar numa outra realidade que lhe seja mais adequada, num mundo intemporal. Pois faça-

¹¹ QUINTANA, Mario. O dia abriu seu para-sol bordado. In Op. cit., 2005, p. 33.

¹² FILHO, Carlos Pena. Soneto do dismantelo azul. In *Livro geral*. Organização e seleção de textos: Tania Carneiro Leão. Recife, PE: Atma Comunicações, 2010, p. 79.

¹³ QUINTANA, Mario. Quando eu morrer... In Op. cit., 2005, p. 53.

-o, meu amigo, eu o convido a isso. Você já sabe onde se oculta esse outro mundo, já sabe que esse outro mundo que busca é a sua própria alma. Só em seu próprio interior vive aquela outra realidade por que anseia. Nada lhe posso dar, que já não exista em você mesmo, não posso abrir-lhe outro mundo de imagens além daquele que há em sua própria alma. Nada lhe posso dar, a não ser a oportunidade, o impulso, a chave. Eu o ajudarei a tornar visível seu próprio mundo, e isso é tudo.¹⁴

Casa-Hotel-Museu Majestic

*... mas eu queria ter nascido numa dessas casas de meia-água
com o telhado descendo logo após as fachadas
só de porta e janela
e que tinham, no século, o carinhoso apelido
de cachorros sentados.
Porém nasci em um solar de leões.
(... escadarias, corredores, sótãos, porões, tudo isso...)
Não pude ser um menino da rua...
Aliás, a casa me assustava mais do que o mundo, lá fora.
A casa era maior do que o mundo!¹⁵*

A Casa de Cultura Mario Quintana (rua dos Andradas, 736 – Centro Histórico), originalmente Hotel Majestic, é um prédio histórico brasileiro e um centro cultural da cidade de Porto Alegre. Apesar de haver nascido em Alegrete, Mario adotou a capital gaúcha como cidade do coração. O poeta do módulo 12 do nosso curso viveu no hotel entre 1968 e 1980, no apartamento 217.

Em depoimento à escritora de contos, romances, peças de teatro, livros de arte Edla van Steen, Mario Quintana narra a dificuldade de ir para o mundo depois de tanto tempo encarcerado na infância por causa de questões de saúde.

¹⁴ HESSE, Hermann. *O lobo da estepe*. Tradução e prefácio: Ivo Barroso. 29ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2005, p. 189.

¹⁵ QUINTANA, Mario. A casa grande. In *Quintana de bolso*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010, p. 109.

EDLA: Conte um pouco de sua infância ou adolescência.

MARIO: Não sei se tive infância. Fui um menino doente, por trás de uma janela. Creio que foi a ele que eu dediquei depois um soneto de *A rua dos cataventos*. O meu “elemento” era a poesia. Comecei a ser poeta como um cachorro que cai n’água e não sabia que sabia nadar. (Sabia.) E o meio familiar ajudou. Tanto meu pai e minha mãe, como meus irmãos Milton e Marieta, a quem dediquei meu primeiro livro, gostavam de poesia. Nunca tive a clássica incompreensão da família, de que tanto se vangloriam alguns poetas. Aliás, foi meu próprio irmão Milton, quinze anos mais velho do que eu, quem me ensinou a metrificar. Como tive a infância muito presa, devido à precariedade da saúde, quando pude soltei-me no mundo. Um choque. Fui criado num aviário e solto num potreiro. Daí talvez a explicação da minha posterior e prolongada boemia.¹⁶

Como havia prometido no início deste breve artigo que finaliza o curso Estudos em Escrita Criativa, Mario Quintana nos ajuda a sair para o mundo, a sair do túmulo-casa da pós-escrita (como dizia Clarice Lispector depois da publicação de *A hora da estrela*), a superar o pânico pós-pandemia (ou o que dela restar por muitos anos).

Porque é preciso permanecer em movimento, estar sempre a caminho, mudança contínua do ser interior, em busca de uma melhor escrita, uma leitura mais abrangente, navegando pela Literatura, pela Poesia e por outras artes, e também por outras áreas do conhecimento, recomeçando a cada nascer do sol, como se fosse um mundo novo. E a palavra, a palavra pura, vinda de nossas entranhas, nos libertará.

A louca agitação das vésperas de partida!
Com a algazarra das crianças atrapalhando tudo
E a gente esquecendo o que devia trazer,
Trazendo coisas que deviam ficar...
Mas é que as coisas também querem partir,
As coisas também querem chegar
A qualquer parte! – desde que não seja
Este eterno mesmo lugar...
E em vão o Pai procura assumir o comando:
Mas acabou-se a autoridade...

¹⁶ QUINTANA, Mario. In STEEN, Edla van. *Viver & escrever*: volume 1. 2ª ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008, p. 12.

Só existe no mundo esta grande novidade:

VIAJAR!¹⁷

E Gisela Rodriguez, como um sonho, *Breve como tudo*, aguardando-me na porta da casa em Porto Alegre, para celebrarmos o fim de um ciclo, início de outro, início de uma nova escrita nos mundos de dentro de cada um/cada uma de vocês.

Daí, lembrei da máquina de escrever de papai, que estava sob meu domínio, desde os meus quatorze anos. Levantei outra vez, dizendo para mim mesma que eu estava viva. Puxei-a da parte superior do armário de roupas, e eu estava tão fraca que ela quase caiu por cima de mim. Me recompus depois de ter evitado espatifar a máquina ou a minha cabeça. Coloquei uma folha. Suspirei fundo e senti meu peito doído do choro contínuo e escondido dos últimos dias e das últimas noites. Estiquei os dedos e quase pude começar. Mas nada me impulsionava a trazer as palavras para fora. Levantei e abri a cortina. Era um dia ensolarado e ventoso. O vento mexia com as copas das árvores que se abriam, por cima do telhado do vizinho, a árvore de tangerina inclinava-se levemente e suas folhas tremiam. Os frutos balançavam e quase caíam, mas permaneciam nos galhos. O mundo continuava do mesmo jeito. Calcei as botas e fui para a garagem, de pijama. Precisava me distrair. *O tempo curaria tudo*.¹⁸

Filmes sobre Mario Quintana e a Escrita Criativa

- 1) *Mario Quintana / Encontro Marcado* (anos 1990): <https://www.youtube.com/watch?v=ujJHrfxuwyc>
- 2) *Ciências e letras / Mario Quintana* (2015): <https://www.youtube.com/watch?v=-eyM7jazHJc>
- 3) *Casa de Cultura Mario Quintana / 30 anos de história* (2020): <https://www.youtube.com/watch?v=7WFbr1q2BaM>

¹⁷ QUINTANA, Mario. [A louca agitação das vésperas de partida]. In Op. cit., 2010, p. 120.

¹⁸ RODRIGUEZ, Gisela. *Breve como tudo*. Porto Alegre, RS: Class/Bestiário, 2021, p. 109-110, itálico da edição.



Exercício de desbloqueio

Imagine uma viagem pós-pandemia, ou mesmo ainda em pandemia, mas vacinado/a e com as devidas precauções. Construa então poemas, contos ou mesmo diários descrevendo o que vê, sente, percebe com todos os sentidos, podendo utilizar fotografias, vídeos, podcasts, mas lembrando sempre que a palavra escrita é a estrela principal.